

FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR: UM IMPACTO SIGNIFICATIVO EM SALA DE AULA?

DE BEM, Ricarda Guedes¹

¹Graduanda em Letras – UNIPAMPA/Bagé

IRALA, Valesca Brasil²

²Professora Doutora UNIPAMPA/Bagé

1 INTRODUÇÃO

Os programas ou cursos de formação continuada, em sua maioria, têm o objetivo de mudar ideias e práticas pedagógicas, partindo do princípio de que através do oferecimento de um número máximo de informações, conteúdos e do trabalho com a racionalidade dos profissionais, produzirão transformações em posturas e maneiras de agir. O problema é que o público-alvo desses programas são pessoas integradas a grupos nos quais se gestam concepções de educação e modos de ser sedimentados pelo contexto histórico-social ao qual pertencem. Os valores, as atitudes, as representações, as competências, a identidade e os projetos de cada grupo são, portanto, decisivos no momento de escolher adotar ou não novas práticas, o que vem a interferir diretamente no impacto dos programas de formação continuada em sala de aula.

Como teoriza Zeichner (1993), o professor é o agente ativo e responsável pelo norte do seu trabalho, sendo então necessário reconhecer a construção da prática do professor como um processo contínuo a ser aprimorado no decorrer de sua vida. O professor deve refletir continuamente sobre suas dificuldades em relação a determinados tópicos ou componentes curriculares para poder elaborar uma nova postura perante os alunos e sua prática.

Os debates entre professores possibilitam a criação do que Vigotsky (1979) chamou zona de desenvolvimento próximo, ou seja, cada professor, em grupo, elabora análises que não elaboraria sozinho e, a partir daí, realiza atividades que promovam e consolidem novos paradigmas de desenvolvimento intelectual. Os cursos de formação continuada devem oportunizar o espaço necessário para que essas reuniões ocorram.

Sob esta perspectiva, o objetivo deste trabalho é discutir a relevância dos cursos de formação continuada e analisar o impacto que pode resultar do emprego de um desses programas. Será tomada como caso-referência a observação da aplicação do programa GESTAR (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar), por uma professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal João Severiano da Fonseca, localizada na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul.

O referido programa é desenvolvido pelo Ministério da Educação, sendo direcionado aos professores de Língua Portuguesa e Matemática dos anos finais (do sexto ao nono ano) do ensino fundamental em exercício nas escolas públicas. A formação possui carga horária de 300 horas, sendo 120 horas presenciais e 180 horas à distância (estudos individuais) para cada área temática. O programa inclui discussões sobre questões prático-teóricas e busca contribuir para o aperfeiçoamento da autonomia do professor em sala de aula.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Sendo este trabalho uma análise de cunho qualitativo, foram utilizados registros coletados durante o período de observação das aulas de uma professora de língua portuguesa. Para que fosse possível desenvolver argumentos dentro da perspectiva adotada neste texto foram tomados como embasamento teórico Morin (2002), Mazzeu (1998), Pinto (2004), Perrenoud (1999), Vazquez (1968), Viegas e Osório (2007), Vigotsky (1979) e Zeichner (1993).

Foram observadas aulas intercaladas de Língua Portuguesa para as turmas de sétima e nona série do Ensino Fundamental durante o período de 09 de outubro de 2009 a 18 de novembro de 2009, na Escola de Ensino Fundamental João Severiano da Fonseca, localizada na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul.

A professora de Língua Portuguesa participa do programa de formação continuada GESTAR (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar), oferecido pelo Ministério da Educação e segundo a mesma, *vem aplicando as novas teorias práticas em sala de aula*.

Durante o período de observação foram feitas notas de campo, com o relato dos acontecimentos e das entrevistas informais, além de diários, em que comentários e críticas foram registrados. Nesse mesmo período foram trocados e-mails e marcados encontros presenciais com a professora orientadora da disciplina de Estágio I, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Nessas reuniões foram abordados os possíveis temas que norteariam este texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando questionada sobre o programa, a professora demonstrou aprovação, dizendo que *o programa é ótimo, o material é maravilhoso e que tanto ela quanto os alunos estão adorando (sic) as idéias que estão sendo propostas. O único problema é o tempo*. Segundo ela, esse curso deveria ter a duração de dois anos, mas na realidade ele acabará durando apenas oito meses, tendo começado em maio e devendo terminar no mês de dezembro. A reclamação é feita em relação ao fato de a turma de nona série não ter a oportunidade de participar mais do programa, pois estão concluindo o Ensino Fundamental.

Pode-se observar que na medida do possível a professora vem aplicando as novas práticas trabalhadas no programa e os alunos têm aprovado o seu trabalho, mesmo sem ter havido mudanças significativas no cotidiano escolar. Também se percebe que devido à falta de tempo, não foi possível trabalhar da mesma maneira com as outras turmas e que a nona série não tirou todo o proveito possível das práticas sugeridas pelo curso.

Foram dados aos professores participantes do programa vários livros para embasamento teórico-prático, os quais deveriam ser lidos em casa, sendo que esses professores, em sua maioria, não conseguem o tempo devido para fazer essas leituras. Além disso, é interessante comentar que o curso é ministrado no turno da manhã, sendo necessário, muitas vezes, que a professora deixe de dar sua aula para poder participar. É uma contradição participar de um programa que visa melhorias no ensino e ao mesmo tempo ter de deixar o principal local onde essas melhorias devem ser utilizadas: a sala de aula. Certamente é um processo, uma situação que não se prolongará, contudo, esse processo deve ser bem pensado, bem planejado, para que haja coerência entre o que é realizado e o que é proposto.

Antes de mais nada, o programa deveria ter a duração prevista inicialmente; afinal, como exigir dos professores e dos formadores um determinado resultado em sala de aula se o programa é oferecido assim, *na correria*? Como acompanhar todas as propostas que deveriam ser apresentadas em dois anos, em um período de apenas seis meses e ainda tentar colocá-las em prática, esperando mudanças e ótimos desempenhos, tanto por parte dos alunos, quanto do professor? Afinal, se um dos objetivos desses programas de formação continuada são a *reflexão e o debate entre professores*, é preciso tempo. E, além de todos os fatores externos, como o contexto histórico-social, as vivências individuais de cada profissional, a possível aceitação ou não das novas propostas, etc., e ainda se haverá a tentativa de mudar, em um curto espaço de tempo, convicções e práticas desenvolvidas e adotadas durante uma longa carreira voltada para a Educação? Entende-se que os cursos de formação continuada acabarão por ser superficiais, ou até mesmo, ineficazes.

O professor precisa também de tempo para adaptar as novas práticas ao seu contexto, personalizá-las, adicionar a elas um pouco de si mesmo. Pois “como esperar que um professor desperte o interesse dos alunos pela busca do conhecimento, se ele apenas receber informações de outros agentes educacionais ou de ‘*especialistas*’ com a orientação de assimilar e aplicar na sua prática?” (Mazzeu, 1998).

4 CONCLUSÕES

Dessa maneira, conclui-se que o impacto de um programa de formação continuada só será significativo se for bem organizado e coordenado. Deve-se começar pela análise do contexto histórico-social do público-alvo do curso, ou seja, tanto dos professores quanto dos alunos, pois não se pode esperar por um grupo homogêneo de pessoas que irá simplesmente acolher novas propostas sem questioná-las de acordo com suas experiências. Os professores que conduzirem o curso também devem ter a oportunidade de refletir suas práticas e teorias e discutí-las entre si. O programa deve ser organizado de forma a evitar situações como aquelas em que o professor deve deixar a sala de aula para poder assistir ao curso e, principalmente, deve ser realizado dentro do prazo programado. Torna-se inoperante trabalhar em alguns meses questões que deveriam ser analisadas em dois anos.

Finalmente, os programas de formação continuada devem sempre auxiliar no desenvolvimento da prática, na reflexão do dia-a-dia do professor. O professor deve assimilar a ideia de que *ser reflexivo é fundamental na sua profissão*, pois é a base para o desenvolvimento e aprimoramento das teorias didáticas. Não se pode esquecer que o objetivo principal do lançamento desses programas é garantir a qualidade do ensino e que de nada adianta tomar medidas paliativas quando se deve buscar soluções efetivas para as deficiências do sistema educacional brasileiro.

5 REFERÊNCIAS

MAZZEU, Francisco José Carvalho. **Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social**. Cad. CEDES, vol.19, nº 44. Campinas: Apr. 1998.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os setes saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem**. Cad. Pesqui. nº 108. São Paulo: Nov. 1999.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano. **A pedagogia da comunicação na formação continuada de professores: possibilidade de transposição paradigmática ou utopia?** In: Sociedade, democracia e educação: qual universidade? 27ª anped. Caxambu – MG, 2004.

VÁZQUEZ, A.S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VIEGAS, Lílian Mara Dela Cruz; OSÓRIO, Alda Maria do Nascimento. A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 13, n. 26, p. 82-101, jul.-dez./2007.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

ZEICHNER, K. **A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.